

## SPF homenageia neste número da Gazeta de Física o seu sócio honorário **Professor Jorge Dias de Deus, Físico que se notabilizou no ensino da Física, na investigação e na cidadania**



### Jorge Dias de Deus 1941 - 2021

Jorge Venceslau Comprido Dias de Deus nasceu a 2 de maio de 1941 em Vila Fernando (Elvas), filho de pai arqueólogo e mãe professora primária, e faleceu a 1 de fevereiro de 2021. Pai de Joana Pimental Dias de Deus.

Aos 10 anos, vem para Lisboa, onde frequentou os liceus D. João de Castro e Camões.

De 1958 a 1964, foi aluno de Engenharia Química no Instituto Superior Técnico (IST), e presidente da Associação de Estudantes do IST (AEIST) entre 1963 e 1964.

Expulso por um ano, em 1964, depois das comemorações do dia do estudante, quando lhe faltavam apenas 3 disciplinas para terminar a licenciatura em Engenharia Química, foi preso pela PIDE em dezembro de 1965, esteve na prisão de Caxias até maio de 1966 e depois exila-se.

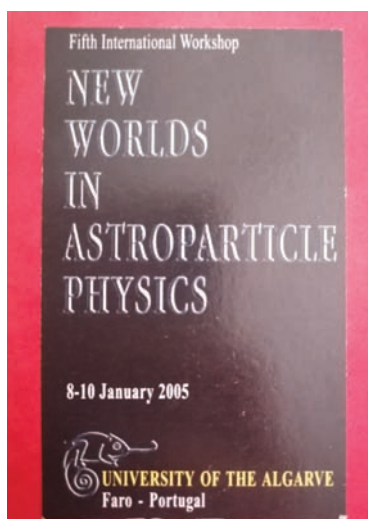
Em Londres, trabalhou e estudou na *University College*. Licenciou-se em Física em 1968 e doutorou-se em Física das Partículas em 1971, sendo bolseiro da Fundação Gulbenkian entre 1968 e 1971. Ocupou de seguida posições no CNRS, na Universidade de Paris VI, no Instituto Niels Bohr de Copenhaga e no Laboratório Rutherford em Inglaterra.

Volta a Portugal após a revolução dos cravos, trabalhando como investigador do INIC (1976-87). A partir de 1987 foi professor catedrático do Instituto Superior Técnico, jubilandando-se em 2011.

O seu currículo é extenso nas vertentes de ensino, investigação, política, gestão e divulgação científica. Como professor do IST, desde 1979, foi responsável directo pela formação de licenciados, mestres e doutorados, e merece destaque o seu papel na criação de duas licenciaturas de sucesso no panorama universitário português, a Licenciatura em Engenharia Física Tecnológica (1981) e a Licenciatura em Engenharia Biomédica (1999). É co-autor do livro "Introdução à Física", que tem sido bem aceite nas universidades portuguesas e que existe em edição espanhola (tradução do Prof. Carlos Pajares).

No âmbito da actividade científica, manteve ao longo dos anos diversas colaborações, nomeadamente com a Universidade de Santiago de Compostela, com o Instituto Niels Bohr, com o CERN, com a Universidade de S. Petersburgo e com a Unicamp (Brasil).

Publicou cerca de 200 artigos científicos (em Física de Partículas, Astrofísica e Sistemas Dinâmicos), incluindo nas revistas mais credenciadas como a *Physical Review Letters*, *Physical Review*, *Physics Letters* e *Nuclear Physics* (onde também fez arbitragem científica). Participou como orador em numerosas conferências e escolas de Verão internacionais e organizou conferências e escolas, destacando-se as *New Worlds in Astroparticle Physics*. Foi fundador em 1994 do CENTRA - Centro Multidisciplinar de Astrofísica, do qual foi presidente por três vezes. Foi por diversas vezes conselheiro científico da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).



Teve, juntamente com outros colegas da sua geração, papel de relevo no processo de integração de Portugal no CERN. Foi presidente do Fundo CERN (1985-87), estabelecido no acordo Portugal/CERN, para o desenvolvimento não só da Física de Altas Energias, mas outras áreas relevantes como instrumentação, computação e participação de empresas.

No Instituto Superior Técnico, depois do regresso a Portugal, foi presidente adjunto para os assuntos científicos, presidente do IST em 1991/92 e exerceu em diversas ocasiões outras funções de gestão. Nomeadamente, foi presidente do Departamento de Física e coordenador da LEFT e da LEBM nos seus anos iniciais. Em 2000-2001 presidiu à Agência Portuguesa para a Energia.

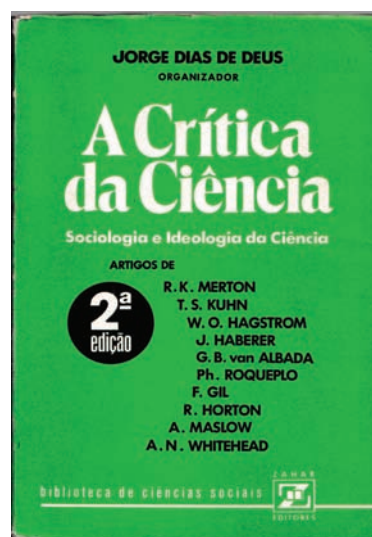
Desenvolveu uma actividade profícua no domínio da divulgação científica, tendo publicado livros de divulgação/reflexão sobre ciência: “A crítica da ciência” (editor, 1974, Ed. Zahar), “A parábola de Galileu” (1981, Ed. Direcção Geral de Educação de Adultos), e na editorial Gradiva “Ciência, Curiosidade e Maldição” (1985), “Viagens no Espaço-Tempo” (1998), “Da crítica da ciência à negação da ciência” (2003), “Einstein... Albert Einstein” (em co-autoria), “Ciência Cosmológica” (2016), “Galileu e a parábola” (2019). Colaborou com jornais, nomeadamente com o Diário de Notícias e com o Diário Popular, e colaborou com a rádio e televisão. Proferiu inúmeras palestras de divulgação e escreveu, em co-autoria, argumentos para vídeos de divulgação científica.

Fundou, com outros colegas, a Associação de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (ACTD) em 1985, tendo sido seu presidente. Foi igualmente fundador da Associação Cientistas no Mundo (SiW). Colaborou em acções de formação em Timor Lorosae (2007) e S. Tomé e Príncipe (2009). Foi coordenador da área de Ciência, Tecnologia e Sociedade do Referencial de Competên-

cias a nível secundário para adultos (2006), do Ministério da Educação.

O reconhecimento público chegou ainda em vida, tendo sido agraciado em 2005 pelo Presidente da República com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e em setembro 2011 com a Medalha de Ouro da Universidade de Santiago de Compostela.

Este esboço biográfico não faria justiça ao multifacetado Jorge Dias de Deus se não referisse que desde sempre desenhou, se interessou por música e acima de tudo se preocupou com a condição humana, quer fossem Jovens à procura de uma licenciatura ou de trabalho de investigação ou Adultos que queriam melhorar a sua educação, Cidadãos amantes da divulgação científica e mesmo Investigadores à procura de um País com melhor organização científica. Nesta linha de preocupações se incluem, aliás, algumas das atividades já mencionadas como a iniciativa de criação de cursos de licenciatura no IST e o contributo para a criação de outros, noutras universidades, a orientação e o acolhimento de jovens nos seus projetos, a colaboração oficial na educação de adultos, a participação nas Semanas de Ciência e Tecnologia e até no 1.º Centro de Ciência Viva, o do Algarve, as inúmeras palestras proferidas, a publicação de livros de texto, de divulgação e de carácter sociológico, e o empenhamento na criação da ACTD.



Como exemplo do espírito polifacetado que caracterizou Jorge Dias de Deus, citamos o parágrafo com o qual iniciou, nos primeiros anos do século XXI, um texto:

“Eu estava em Copenhaga, no começo da década de 70, do outro século, quando fiz a «minha» crítica da ciência (...) Trata-se de uma colectânea de textos sobre sociologia e ideologia da ciência, com uma introdução da minha autoria, e que saiu publicada no Brasil.”<sup>1</sup>

Referia-se o autor a um livro por si organizado, editado em 1974, sob o título, «A crítica da Ciência. Textos básicos de ciências sociais» e do qual se reproduz a capa da sua segun-

<sup>1</sup> Dias de Deus, Jorge (2003). A minha crítica da ciência. In Boaventura Sousa Santos (org). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. Lisboa: Edições Afrontamento, 201-208.

da edición 2. Na badana desta capa, escribe-se no último parágrafo da presentación:

“Os dez ensaios reunidos neste volume, escritos por sociólogos e sábios de renome, mostran que de há muito a ciencia perdeu a súa inocencia e desvendam os camiños que ela percorreu até se transformar en tecnoloxía da dominación. A esses ensaios soma-se a magistral introdución do organizador da coletânea, Professor JORGE DIAS DE DEUS. Com este libro, que é un verdadeiro tratado sobre o colapso da tradición ética da ciencia, os estudiosos têm ao seu alcance una óptica que lhes permitirá avaliar se o universo científico em que vivemos é ou não um «teatro do absurdo».”

Os testemuños de colegas e amigos que se seguen, relembram-nos Jorge Dias de Deus nesta miríade caleidoscópica em que se entrelaçam educación, ciencia, sociedade, política, cultura e arte.

*Pela Direcção da SPF  
M<sup>a</sup> da Conceição Abreu*

### **Testemunho de Carlos Pajares**

Coñecín o Profesor Jorge Días de Deus nos primeiros anos da década dos setenta nos Rencontres de Moriond, workshop clásico sobre partículas que se celebra todos os anos nos Alpes franceses organizado pola Or Universidade de Paris-Sur a Orsay. Este encontro foi o inicio dunha colaboración científica intensa o longo de moitos anos, así como o establecemento dunha estreita amizade. Os dous compartimos as inquietudes, alegrías e preocupacións sobre o devenir dos nosos países, en particular sobre a construción e a evolución da Ciencia e Tecnoloxía en cada un deles. Asistín en primeira fila a volta de Jorge a Lisboa, primeiro no Instituto de Física e Matemáticas e despois no Instituto Superior Técnico. Vín como axudaba a creación do LIP e a súa alegría coa entrada no CERN de Portugal, conxuntamente coa ilusión da incipiente comunidade portuguesa de Física de Altas Enerxías en especial de dous entrañables amigos comúns, tamén falecidos, Gaspar Barreira e José Mariano Gago. Tamén observaba como crecía esa comunidade e a súa interacción ca Sociedade. Aprecie a visión de Jorge sobre a necesidade do intercambio de ideas entre diversas disciplinas, en particular entre o mais pequeno e o mais grande do Universo, Física de Partículas, Gravitación, Cosmoloxía e Astrofísica, visión que foi esencial na creación do prestixioso CENTRA.

Levaba dentro de sí a sede de xusticia social e por eso quiso que, unha das cousas mais importantes da humanidade como e a Ciencia, non quedase en mans duns poucos, e por eso adicou moitos esforzos a súa divulgación, publicando varios libros que acercaban a Ciencia a Sociedade e apoiando decisivamente o nacemento e crecemento de Ciencia Viva, implicándose tamén no ensino e divulgación da Ciencia en San Tomé e Príncipe. Como profesor era brillante na exposición transmitindo cunha maneira intuitiva as ideas físicas. En colaboración con Mario Pimenta, Ana Noronha, Maria Peña e Pedro Brogueira público o magnífico libro *Introdução a Física* na editorial McGraw Hill. Eu tive o prazer de traducilo o español. Considero que e dos mellores libros introductorios para cursos de Física e Inxeneira.

Non lle gustaba o traballo administrativo e de xestión, mais colaboro e incluso foi presidente do Instituto Superior Técnico, tempo que coincidiu coa niña etapa como Reitor da Universidade de Santiago de Compostela, intercambiando visions e proxectos. Jorge comenzo una colaboración científica intensa entre Santiago de Compostela e o LIP e o Instituto Superior Técnico con workshops informáis case todos os anos, celebrándose unha vez en Lisboa e a seguinte en Santiago. Por esto e polo seu prestixio como científico a Universidade de Santiago lle impuso a medalla ouro no ano 2013. Foi un dinamizador da Física de Partículas estando na organización de importantes meetings como foron: International EuroPhysics Conference Lisboa 1981, The Physics of the Quark-Gluon Plasma, Lisboa 1987, Multiparticle Dynamics en Faro, Hard Probes en Lisboa e en Eriçeira, ...

Jorge Días de Deus tiña una gran intuición para ver e explicar fenómenos físicos. Establecía as escalas que interviñan no fenómeno e aplicaba leis xerais como conservación de enerxía momento ou o de momento angular e cunha mínima adicional dinámica, as veces sen ela, era capaz de explicar os datos e incluso establecer leis de escala. Era capaz de relacionar fenómenos aparentemente moi diversos coñecendo principios xerais. Traballando así, fixeramos a predicción que os mesmos fenómenos vistos en colisións núcleo-núcleo que permitiron establecer a obtención de un fluido de quarks e gluons (elliptic flow, long range correlations, strangeness enhancement) tamén se debían producir en colisións proton-proton como foi confirmado experimentalmente posteriormente. Long range correlations and their relation with multiplicity distributions, clustering of color sources, confinement-deconfinement phase transition and string percolation, rare events and shape of the multiplicity distributions, heavy flavor production, quarkonium suppression, forward particle production and cosmic ray physics, Unruh effect and Schwinger mechanism of particle production, son algúns dos temas que traballamos xuntos. Publicamos o redor de 30 investigacións en xournals como Physical Review Letters, Physical Review C and D, Physics Letters B, Journal of Physics G, Euro Physical Journal C, Physics Reports, conxuntamente con diversos colaboradores das Institucións portuguesas e españolas (Mario Pimenta, Jose G. Milhano, Ruben Conceção, Pedro Brogueira, Maria.C.Espírito Santo, Roberto Ugoccioni de lado portugués e Carlos A. Salgado, Elena.G.Ferreiro, Leticia Cunqueiro, Jaime Alvarez de lado galego). Buscaba explicacións simples para a explicación dos datos experimentais. Tiña sempre en mente a afirmación de Newton cando decía: “A natureza non fai as cousas en vano e é vano o que sucede por efecto de moito cando e dabondo con menos”.

O meu recordó de Jorge dias de Deus será dun amigo e gran físico do cal pase moi bos días facendo Física e gozando da sua simpatía con quen sempre tendré un sentimento de gratitude.

*Carlos Pajares*

*Profesor emérito Universidad de Santiago de Compostela*

## **Testemunho de Mário Pimenta**

### **Jorge Dias de Deus: Ciência na República**

Jorge Dias de Deus regressou a Portugal uns anos depois do 25 de Abril de 1974, após uma dezena de anos de exílio político.

Nos anos sessenta, tinha-se envolvido nas lutas estudantis, tinha sido detido pela PIDE, tinha rumado a Londres. Em Londres, o jovem estudante de engenharia química do Instituto Superior Técnico, descobriu a Física teórica de Partículas.

Eram tempos de contestação. Contestação às guerras: Colonial em Portugal; do Vietnam nos Estados Unidos e em Inglaterra. Eram tempos de tentativas de revolução política e social. Eram tempos dos Beatles. Tempos também de revolução na Física de Partículas. Tempos de descoberta de uma nova escala na estrutura da matéria.

Os prótons, os neutrões, os píons, os mesões, os hádrons, não eram afinal partículas elementares. Feynman, seguramente um dos heróis do Jorge, tinha no fim dos anos sessenta, com uma simplicidade assustadora, interpretado os dados experimentais da difusão profunda de electrões em prótons, como o somatório das interações dos electrões em partículas pontuais, os quarks, que viviam livremente, mas confinados, no interior dos prótons.

Interpretar os dados experimentais, de fenómenos muitas vezes complexos, com modelos aparentemente simples e com poucos parâmetros, foi a Física que o Jorge gostava de fazer. Com ele, anos depois, aprendi a olhar para os comportamentos assintóticos, na busca de reter o essencial, não nos distrairmos com o acessório. A sua interpretação geométrica das interações próton-próton, o “geometric scaling”, foi, nos anos setenta, o trabalho que lhe deu notoriedade na comunidade científica.

A cultura científica estava, no Portugal dos anos setenta, reduzida a uma camada muito estreita da população. Se o analfabetismo literal ainda tinha níveis escandalosos, a iliteracia científica era avassaladora. O Jorge foi um dos combatentes mais activos nessa guerra, com artigos de jornais, mas sobretudo com uma produção impressionante de pequenos livros, que se leem com deleite, e em que o rigor científico está sempre presente.

A investigação científica, essa, era praticamente inexistente, e considerada mesmo, um luxo só possível em países ricos. O Jorge impulsionou, pela

acção e pelo exemplo, uma escola de física teórica fundamental, mas sempre atenta à experiência. Nos anos oitenta, regressou, agora como professor, ao Instituto Superior Técnico e foi determinante na transformação do Departamento de Física num espaço de ensino e de investigação. Trouxe alegria e entusiasmo, sempre disponível para conversas, científicas ou não, com estudantes e colegas, muitas vezes à volta de uma mesa de almoço com a indispensável garrafa de vinho. Foram também nesses almoços, que muitos artigos científicos foram gizados, muitas iniciativas programadas, vários livros pensados.

Durante 30 anos, o Jorge marcou gerações de estudantes e investigadores, e foi determinante na minha vida científica e pessoal. Não há, dizem, pessoas insubstituíveis, mas há umas, poucas, muito mais do que outras, e o Jorge era uma dessas. Deixou-nos livros e o exemplo, a luta, essa, continua sempre.

*Mário Pimenta*

*Professor Catedrático do Dep. Física do Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa*

*Presidente do LIP*

## **Testemunho de Maria Eduarda Gonçalves**

### **Jorge Dias de Deus, militante das causas da ciência**

É sempre doloroso ver partir um amigo. Fica-nos a memória de tempos vividos em comum, sonhos partilhados, realizações cujas sementes possamos ter ajudado a plantar. O tempo da minha convivência com o Jorge foi breve, mas intenso. Entre meados de 80 e meados de 90, “militámos” na ACTD – a que o Jorge presidiu - com tantos outros “ativistas” desta causa como o Manuel Carrondo, o Romão Dias, o Mariano Gago, o Trigo de Abreu, o Jorge Calado, o José Tribolet, ... A ACTD - Associação de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento nasceu da ideia e do impulso inicial de José Mendes Mourão, presidente da JNICT na primeira metade dos anos 80, e fora formalmente constituída em setembro de 1985.<sup>1</sup>

Revolvendo recortes de jornais amarelecidos pelo tempo, reencontro uma reportagem do Diário de Notícias de 6 de maio de 1997 em que, a par da notícia da extinção da JNICT e da criação da FCT<sup>2</sup>, pode ler-se, em subtítulo, “Grupo quis mudar o mundo e chegou ao poder” e “Associação criada em 1985 foi movimento mobilizador de consciências da comunidade científica. A missão está cumprida”.

A ACTD propôs-se realmente a missão de mobilizar a “consciência pública e política da importância da integração da ciência no plano da decisão económica e política”, como se afirmava nos seus Estatutos. Confrontada com a insensibilidade dos governos e o incipiente orçamento da JNICT (1% da despesa total em Investigação e Desenvolvimento!), que inviabilizavam qualquer ensejo de política científica e tecnológica, agiu como um verdadeiro *lobby* da comunidade científica, que se revelou decisivo para a autonomização e a institucionalização da política de ciência na

<sup>1</sup> Mendes Mourão viria a falecer, prematuramente, no Verão de 1985.

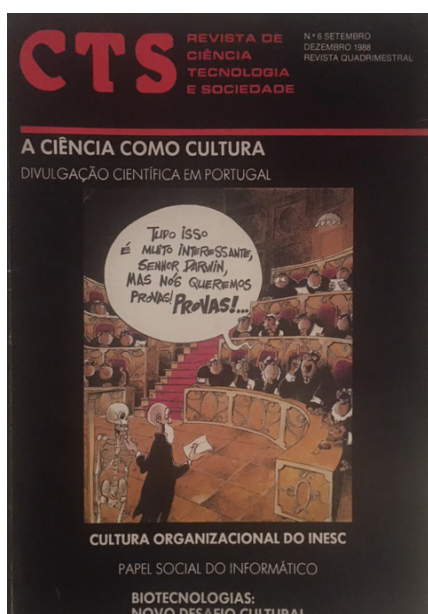
<sup>2</sup> JNICT – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica; FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

esfera do governo em Portugal. Foi um processo marcado por dificuldades e resistências, mas também pela ação individual e coletiva de um núcleo de investigadores que souberam ler as circunstâncias - desde logo, a iminente adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia - e convocar forças internas (e externas, como a OCDE) em prol do reconhecimento da relevância crítica da ciência no desenvolvimento económico, social e cultural do país. A primeira Secretaria de Estado da Investigação Científica (rapidamente convertida em Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia) surgiria logo após as eleições legislativas de outubro de 1985.

“Missão cumprida”, escreve-se na notícia do DN: lembrem-se as Jornadas de Ciência e Tecnologia, realizadas em 1987, com Mariano Gago, cofundador da ACTD na presidência da JNICT, ou o lançamento por essa altura dos primeiros programas de financiamento da I&D.

O Jorge foi um líder destacado deste movimento. Uma liderança muito própria, feita de afetos, de candura, e de outras virtudes que lhe são reconhecidas como a do “físico que gostava de ser multidisciplinar”, que se “preocupava com a cultura científica”, com uma notável “capacidade de pensar e imaginar o futuro”. Guardo belas memórias das nossas reuniões no Instituto de Física Matemática no Complexo Interdisciplinar ali à Gama Pinto ou no gabinete do Romão Dias, sem falar na churrasqueira vizinha do Técnico onde terminavam muitas vezes as nossas reuniões e onde foram imaginadas várias das iniciativas da ACTD.

A ACTD como espaço singular de convergência, diálogo e intervenção de investigadores e de administradores da ciência, não foi estranha ao espírito e às dinâmicas que o Jorge lhe imprimiu. O Jorge foi grande impulsionador não só das Exposições de Ciência e Tecnologia para a Juventude, mas também da CTS, Revista de Ciência, Tecnologia e Sociedade, publicada, na sua primeira série, entre 1987 e 1992, todas elas iniciativas da ACTD.<sup>3</sup>



<sup>3</sup> Existe uma coleção da Revista CTS no Arquivo de C&T da FCT.

As Exposições, que contaram com a colaboração dedicada da Maria da Conceição Abreu, passaram, desde 1987, por Setúbal, Portalegre, Faro, Évora, Porto e Castelo Branco, atraindo, segundo palavras do próprio Jorge referindo-se à exposição de Setúbal, uma média de 10 000 visitantes por semana. Anteciparam, creio que se pode dizer, a Ciência Viva.

Na introdução ao Catálogo da 1ª Semana de Ciência e Tecnologia para a Juventude (publicada no n.º 2 da CTS, Maio/Agosto 1987), o Jorge oferece-nos uma síntese, ainda hoje atual, dos desafios do conhecimento, do que se sabe e do que não se sabe, reveladora da sua visão ao mesmo tempo humanista e humanizada sobre a ciência: “como é que se há de conseguir que a Ciência e a Tecnologia estejam realmente ao serviço da população, da liberdade, do desenvolvimento económico e do progresso social?”, perguntava, acrescentando, “sem a alegria de fazer nada se aprende”. Por essa altura publicava o Jorge o seu livro “Ciência, curiosidade, maldição” (Gradiva, 1986), cujo título diz muito sobre o modo como encarava a divulgação ao público e, em especial, aos jovens, de uma ciência simultaneamente “fada boa” e “fada má”.

O Jorge empenhou-se também na CTS de alma e coração, como era seu tom. A CTS foi pioneira no lançamento da área dos estudos sociais da ciência e da tecnologia (ou estudos de CTS), um domínio essencialmente interdisciplinar. Ali convergiram investigadores portugueses e estrangeiros das ciências sociais e humanas e das ciências exatas e naturais e engenharias, numa reflexão coletiva e criativa sobre os impactos culturais, socioeconómicos e políticos das ciências e das tecnologias, tratando temas que se espraiaram da ciência na arena política à compreensão pública da ciência, da ciência como cultura à ética da investigação científica, da história ao direito da ciência.

É atribuída ao filósofo das ciências Michel Serres a afirmação de que “*L’action culturelle scientifique oscille entre une vulgarisation qui ne se préoccupe pas des implications sociales de la science et son contraire*”. O Jorge deixa-nos o exemplo da opção certa, que é, ao mesmo tempo, o de um forte sentido da responsabilidade social do cientista.

Maria Eduarda Gonçalves

Professora catedrática aposentada do ISCTE e Investigadora do Dinâmia’CET – ISCTE. Foi membro da Direção da ACTD e editora da CTS.

### Testemunho de Alberto Melo

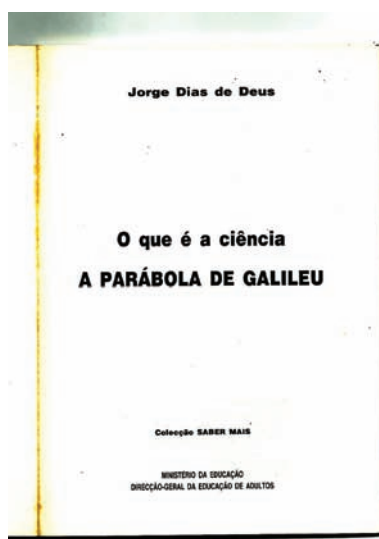
#### Jorge Dias de Deus: um militante da democratização da ciência

Jorge Venceslau Comprido Dias de Deus, tal como ele se apresentou à turma do 3.º ano, no Liceu Camões, em Lisboa, recém-chegado, com a família, da sua região natal próximo de Elvas. Cedo nos aproximámos, descobrimos imensas afinidades e,

muito rapidamente, estávamos a conceber e levar a cabo iniciativas comuns.

A mais importante, a meu ver, terá sido a criação da Revista “Júpiter”, produzida à mão, num exemplar único, que, para além de nós dois, recebia contributos de outros colegas. Circulava por quem, dentro da turma a encomendasse, para levar para casa durante 1 dia, pagando, creio, 1 escudo para partilhar as despesas do papel e tintas. Continha narrativas da vida escolar, com algumas críticas (veladas) a docentes e ao reitor, com passatempos, curiosidades, anedotas e alguma informação de natureza cultural e educativa. Foi uma experiência muito enriquecedora que nos deu vontade e confiança para, mais tarde, voltarmos a reunir esforços na divulgação do conhecimento.

Depois das muitas vicissitudes por ambos vividas nos anos pesados da ditadura salazarista e do exílio no estrangeiro a que fomos forçados, com longos afastamentos e curtos mas calorosos reencontros, ao ser nomeado Director Geral da Educação Permanente (Setembro de 1975), logo recorri ao Jorge Dias de Deus para apoiar a campanha de educação para adultos em fase de arranque. Nessa altura, ele trabalhou, com Ana Hatherly, em pequenos filmes de 8 mm, visando transmitir o espírito e o conhecimento científico às pessoas menos escolarizadas. Começou então o trabalho que levaria, em 1982, à publicação pela Direcção Geral de Educação de Adultos (na Coleção Saber Mais) de “O que é a Ciência. A Parábola de Galileu”. Aqui, na Nota Biográfica, lê-se: “Tem-se interessado pelas questões da divulgação científica e popularização da ciência, tendo colaborado com alguma regularidade na imprensa diária, em especial através da série “À Roda da Ciência”, no Diário Popular”.



Na Introdução ao mesmo livro (p. 5-6), JDD escreve:

“Este pequeno livro tenta dar uma ideia geral do que é a ciência: o que ela é mesmo; como nasceu; como funciona; como se liga ao que se vê, ao que

se sente; como se liga à vida prática”... “A ciência está realmente muito mais próxima de um instrumento de trabalho ... do que da magia que parece ser.”

“A educação científica faz parte daquela educação formal das escolas e das universidades que continua vedada aos que, no campo ou na cidade, têm que começar a trabalhar cedo na vida. Um curso de formação científica de base poderá dar aos que não passaram pela educação formal a oportunidade, dentro de um esquema geral de educação permanente, de adquirir os conhecimentos de que foram privados. Este livro, que começou a ser preparado em 1976 ... pretende funcionar como uma ponte de transição entre o conhecimento usual das pessoas, que trabalham e que vivem afastadas da escola ... e o conhecimento dito superior, que utiliza níveis de abstracção mais elaborados”.

E na Conclusão (p. 59), pode ainda ler-se. “Cremos ser possível, fora do esquema de educação formal das escolas e das universidades tradicionais (ou talvez até sobretudo fora do esquema de educação formal das escolas e das universidades tradicionais) e sem ir para a divulgação científica abreviada, que não liberta mas submete, falar do que é a ciência, do modo como funciona a ciência. E ir mais longe, transmitir a qualquer pessoa sem preparação científica escolar os conhecimentos básicos e as interligações das várias disciplinas científicas, da física, da química, da biologia, da geologia, etc., etc. Essa é uma tarefa difícil, que exige uma ligação aos problemas concretos e à vida quotidiana, mas que é preciso vencer se se quer realmente democratizar a ciência e integrá-la numa nova cultura de conteúdo e expressão populares”.

Este livro teve uma nova edição, que JDD reviu e ampliou, publicada pela Gradiva em 2019 com o título “Galileu e a Parábola”.

Aquando do relançamento da Educação e Formação de Adultos, entre 1997 e 2002, JDD aderiu de novo às iniciativas então lançadas, colaborando com a recém-criada ANEFA (Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos) a vários títulos:

- Participou no debate “Deitar Contas à Ciência”, com João Caraça e Fernando Luís Machado (inserido em Cadernos S@bER +, Janeiro-Março 2001, (ANEFA) e na Revista Aprender ao longo da Vida, nº 0, Outubro – Dezembro



2003, Associação O Direito de Aprender), onde fez as seguintes considerações:

“É cada vez mais necessária... uma divulgação que não seja parcial e que tente ser o mais abrangente possível, que aponte as várias soluções possíveis, mas que leve a que as pessoas não tomem as decisões na base do pânico ou de medos atávicos ou seguindo líderes de ocasião... Neste momento, há uma iliteracia de fundo, já não sabemos o que é o bem e o que é o mal”.

“Fazer divulgação científica é um acto de cultura. Da mesma maneira que a ciência é cultura, fazer divulgação científica é ter uma acção cultural, é tentar transmitir capacidades, conhecimentos e possibilidades de fazer perguntas e ter acções.”

“Quando olhamos para o nosso sistema de ensino, no que respeita ao ensino das ciências, é uma catástrofe ... As crianças já ouviram falar no que é o efeito de estufa e não fazem a mínima ideia do que é o efeito de estufa ... não fazem a mínima ideia do que é o buraco de ozono. Tem havido uma cultura de incultura anticientífica, que é transmitida e está nos programas oficiais e isso é muito difícil de combater. Porque as gerações ... estão a ser formadas numa atitude anticientífica. Porque o que é científico é mau porque vai alterar a natureza, o ambiente, vai criar problemas ... Toda a transformação cria alterações e a ciência é a forma mais activa de transformar o mundo ... As pessoas têm de se educar no sentido de “cuidado, vai haver mudanças”.

- Trabalhou com Rui Seguro na produção de curtos vídeos em que a transmissão de conhecimentos científicos se fazia a partir de experiências do quotidiano (num dos casos, recordo-me, com base no funcionamento de uma lareira). Devido ao menosprezo que é dado, em geral, pelos poderes públicos à Educação de Adultos, estas obras do início do século, assim como os filmes mais antigos, feitos com Ana Hatherly, não tiveram a difusão necessária e encontram-se em algures no “arquivo morto” do Ministério da Educação, aguardando a heroína ou o herói que escreva a História da Educação de Adultos em Portugal desde o 25 de Abril.

- Também integrou o grupo de trabalho responsável pela definição do Referencial a aplicar no processo de reconhecimento, validação e certificação de competências, na área interdisciplinar “Sociedade, Tecnologia e Ciência”, por convite da ANEFA (e depois da DGFV) nos primeiros anos do corrente século.

Mais recentemente, JDD escreveu “Ciência Cosmológica” (Gradiva 2016) em que, na primeira parte, descreve as congeminações humanas sobre o Universo desde os mitos da pré-história, passando pelas tentativas de racionalidade na Grécia Clássica e a abordagem científica de Galileu até às cosmogonias modernas. Esta narrativa histórica, por vontade expressa do autor (que fez até o teste comigo, levando-me a ler e comentar o texto antes de o enviar para a editora) é perfeitamente acessível a qualquer “leigo” (como eu), que é aqui, de uma forma natural e agradável, conduzido à compreensão de um sector fundamental da Física contemporânea.

*Alberto Melo*

*Presidente da Comissão Directiva da Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente, APCEP*

### **Testemunho de Luís Oliveira e Silva**

#### **Jorge Dias de Deus e a engenharia daquilo que ainda não existe**

Na nossa experiência individual todos reconhecemos professores que nos marcam profundamente e que recordamos ao longo de toda a vida. Sendo uma combinação de múltiplos factores, os mais extraordinários destes professores conseguem unanimidade entre os alunos que se tornam seus devotos, repetem exaustivamente os seus chavões e, passados muitos anos, recordam episódios das suas aulas ou tentam reinventar, agora como professores, muito do que aprenderam. Jorge Dias de Deus, conhecido por muitos como DD, líder estudantil, físico, professor do Instituto Superior Técnico (IST), líder académico e divulgador de ciência falecido no dia de 1 de fevereiro foi um desses professores marcantes para várias gerações de alunos da licenciatura em engenharia física tecnológica (LEFT).

Muitos do que com ele conviveram como cientistas e colegas já escreveram sobre DD [1,2]. Atrevo-me, no entanto, a arriscar que o seu maior impacto, e o seu maior legado, é a LEFT e o seu mais de um milhar de licenciados e pelo menos outros tantos alunos de outros cursos no IST que DD inspirou como engenharia biomédica, informática ou aeroespacial. DD foi um dos principais mentores da LEFT do IST e, durante muitos anos, o seu principal “ideólogo”. A Engenharia Física Tecnológica, actualmente um dos cursos universitários com a média mais alta de acesso ao ensino superior, deve a sua reputação, e a sua aura, a muito do que foi sendo construído desde meados dos anos 80 por, entre outros, Mariano Gago, Matos Ferreira e Dias de Deus.

DD sintetizava a engenharia física tecnológica como “a engenharia daquilo que ainda não existe”. Esta abertura total ao futuro e à incerteza tinha consequências imediatas na própria LEFT: incentivo à curiosidade e à exploração dos alunos em cadeiras com forte componente experimental, elevada flexibilidade curricular e liberdade para os alunos fazerem cadeiras dos mais diversos cursos do Técnico, trabalhos de fim de curso com durações de um ano nos mais variados temas e orientados por professores de diferentes departamentos, visão de que o ensino universitário só faz sentido em estreita ligação à investigação. Como escreveu DD no seu “Ciência: Curiosidade e Maldição” [3] entre os que são travões ao renascimento científico em Portugal contavam-se “(...) os “pedabobos” que tentam criar uma oposição entre ensino e investi-

gação, como se o melhor ensino não fosse a prática da investigação científica”. No final dos anos 80, a LEFT antecipava, em muitas décadas, tudo aquilo que, de forma mais genérica, entendemos que deve ser o ensino universitário no séc. XXI.

Era por isso natural o apelo e a atração de alunos com um perfil distinto, com uma escolha não ditada por questões vocacionais mas por uma combinação de curiosidade imensa pela física e pela matemática, o desejo de ser desafiado por outros excelentes alunos e o gosto pela ciência. Esta diversidade é visível na variedade de percursos profissionais, das melhores universidades do Mundo às Nações Unidas, das maiores empresas tecnológicas a start-ups, em domínios tão diversos como a física, a matemática, as engenharias, a economia e a gestão, a biologia e as ciências sociais.

Dias de Deus também acreditava que o ensino universitário nos primeiros anos devia ser assegurado pelos professores com mais experiência. Imaginem o deslumbramento dos alunos recém-chegados à universidade perante um professor, na sua voz nasalada e óculos grossos de massa na ponta do nariz que, sem condescendência e com grande sentido de humor, conseguia ligar o que estava a ensinar com a própria história da física e com temas mais avançados. A oportunidade para ter alguém que nos falava sobre os grandes avanços da física, mas também debatia os grandes dilemas morais que se colocam aos cientistas, enfatizava o carácter profundamente humano da ciência e partilhava a vivência de um cientista, com os seus anseios, erros, desafios e expectativas, era absolutamente inspiradora. Para muitos dos alunos, que devoravam os livros da coleção Ciência Aberta da Gradiva onde Dias de Deus foi o primeiro autor português, era a oportunidade para todos os dias ser desafiado e deslumbrado.

Sempre disponível para apoiar as iniciativas dos alunos (incluindo as mais reivindicativas) foi durante o seu período de maior ligação à LEFT que se lançaram as primeiras iniciativas de divulgação da física por alunos do Técnico e que foi criado o Núcleo de Estudantes de Física do IST (NFIST), um dos núcleos de estudantes mais activos do país, em particular na divulgação de ciência. Também acreditava no poder dos eventos sociais, estando sempre disposto para participar nas confraternizações com os alunos, sendo memoráveis os jantares na Casa do Alentejo, região de onde era orgulhosamente originário.

Com as suas características únicas, tocou a vida de vários milhares de alunos que, com certeza, o irão lembrar para sempre nas suas idiossincrasias, mas principalmente como fonte de inspiração e como modelo. Que maior legado pode um professor e cientista deixar às gerações vindouras?

(Publicado originalmente no Jornal i 09/02/2021)  
[https://ionline.sapo.pt/artigo/724090/jorge-dias-de-deus-e-a-engenharia-daquilo-que-ainda-nao-existe?seccao=Opinião\\_i](https://ionline.sapo.pt/artigo/724090/jorge-dias-de-deus-e-a-engenharia-daquilo-que-ainda-nao-existe?seccao=Opinião_i)

*Luís Oliveira e Silva*

*Professor Catedrático do Departamento de Física  
Instituto Superior Técnico*

web: <http://web.tecnico.ulisboa.pt/luis.silva/>

twitter: @luis\_os

[1] <https://www.publico.pt/2021/02/01/ciencia/noticia/morreu-jorge-dias-deus-fisico-gostava-multidisciplinar-1948847>

[2] <https://tecnico.ulisboa.pt/pt/noticias/campus-e-comunidade/jorge-dias-de-deus-1941-2021-o-professor-mobilizador-que-se-divertia-a-fazer-e-divulgar-a-fisica/>

[3] J. Dias de Deus, “Ciência Curiosidade & Maldição”, Gradiva, 1ª edição, 1986

## **Testemunho de Guilherme Milhano**

### **O JDD foi muitas coisas diferentes e importantes para muita gente diferente.**

Ao contrário do que sei ser o caso para muitos dos meus colegas de curso, o Professor Dias de Deus não foi para mim um professor especialmente marcante. Julgo apenas ter sido seu aluno numa cadeira da qual me lembro menos do que seria razoável. Sobra a memória de um exame onde, propositadamente ou não, se incluía um problema sem solução; da resposta séria dita a brincar que recebi à minha manifesta indignação com a artimanha: a solução do problema é que não tem solução. Só muito mais tarde, anos mais tarde, entendi a verdadeira importância desta lição.

A minha estória com o JDD começa muito mais tarde.

Verão de 2002, pausa entre sessões na conferência ICHEP em Amsterdão, eu postdoc na Vrije Universiteit Amsterdam. Um calor húmido insuportável num centro de congressos feito para o frio. No meio das centenas de pessoas cruza-me com JDD e cumprimento-o. Uns poucos minutos de conversa ligeira para perceber quem eu seria antes de perguntar se eu, como residente local, saberia de algum sítio próximo onde houvesse algo frio, mesmo gelado, para beber. As poucas garrafinhas de água da conferência há muito tinham desaparecido. Várias conversas nessa semana e a sugestão de concorrer a uma bolsa de pós-doutoramento da FCT. Apesar de parecer agora absurdo, nunca me tinha ocorrido voltar para Portugal.

Este foi o início de uma amizade de quase 20 anos, mais de 10 de colaboração científica. Foram também muitas conversas longas, longuíssimas, sobre tudo e mais alguma coisa. Foi generosidade desapegada em muito e muitas vezes.

Foi, pelo menos visto agora com alguma distância, quem com uma aparentemente simples pergunta me fez começar a pensar em Física como o tento fazer hoje. Pouco tempo depois do meu regresso ao IST, o tal plano da bolsa havia funcionado, mostrava-lhe umas contas longas



e algo complexas, hediondas, que então em ocupavam. Saiu então pergunta: “Qual é o boneco disto?”. Julgo que mostrei uns diagramas de Feynman. Obviamente não o pretendido. É a procura do boneco — de uma previsão ou no pior dos casos de uma explicação para um fenómeno, uma medição — que fui aprendendo com o Jorge a tomar como o fundamental em Física. Espero conseguir fazer continuar um pouco dessa visão.

Até sempre Jorge.

Guilherme Milhano

Prof Associado do Dep. de Física do Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Investigador do LIP

## Testemunho de Pedro Figueiral

### Ao Professor Dias de Deus

Falar do Dias de Deus, o DD para nós, não se consegue perceber por onde começar e melhor ainda quando parar. Divulgação da C&T, quando ainda quer a C quer a T nem sequer eram decifrados junto da esmagadora maioria de uma população, sim, por certo uma presença e consequente papel inquestionável na história da divulgação da C&T, reconhecido por todos sem grandes euforias, no formato que o DD estava sempre presente na sua vida ativa. Este longo parágrafo, podia também ser um parágrafo da escrita do DD, caso não tivesse tanta pontuação.



E esta Divulgação tinha que estar presente e focada junto dos mais novos, que nos dias seguintes acabaram por arrastar os menos novos. O gostoso problema junto do DD, foram as enchentes não controladas e os danos estruturais ocorridos. Mas era esta a dinâmica do prazer do DD.

As SCT da Conceição, sim, um privilégio terem contado com a omnipresença do DD. A ideia dos Jardins de Ciência, mais uma coisa estranha à volta da divulgação das palavras iniciadas por C e T, sim, só podia ter aparecido porque um grupo de pessoas puderam contar com o encanto de poder partilhar parte das suas vidas com o DD. Não interessava os caminhos dos desenvolvimentos posteriores destas ideias, por certo em ambientes com o de-

sejável recheio financeiro, que contrastavam com o nível de recursos no arranque destas iniciativas. O que interessava, é que as ideias iam ter continuidade, com os devidos impactes sobre a população, pois era este o único objetivo destas iniciativas de Divulgação.

As SCT que passaram quase por todas as Capitais de Distrito, sempre com contornos o mais politemáticos possível, desde as entradas no espaço através das explosões do Big Bang, as palestras com aquela coisa muito tecnológica que eram os raios laser acompanhados com aquele sons emocionantes, sempre com o DD a provocar os jovens *Designers* e Gráficos mais atrevidos, são memórias omnipresentes de muitos. Quem não se lembra daquela iniciativa de Setúbal? Um autêntico primeiro passo por certo sem a qual não existiria hoje o atual Pavilhão do Conhecimento entre outros Centros de Divulgação de C&T que se replicaram no País.

As Alexandras no papel de Responsáveis Científicos dos diversos *stands* das SCT, com peixes, tartarugas a saltarem em aquários transportados em carros dos Pais, até os cientistas mais evoluídos com áreas da Robótica e da Astrofísica, todos com diretas a trabalharem noites a dentro, só era possível acontecer nestas SCT. Mas todos com o privilégio de poderem partilhar estas dinâmicas com o DD. O gozo e a delícia com que o Senhor Professor acompanhava esta loucura de improvisação na montagem destas feiras de Divulgação, é algo que se encontra na memória de um grupo alargado de privilegiados que tiveram a sorte de poder fazer parte das SCT.

As palestras do DD, desde as reuniões de trabalho com meia dúzia de profissionais acabados de nascer na atividade mas fortemente empenhados nesta coisa da Divulgação da C&T, passando pelas reuniões mais alargadas (que vim a descobrir uns anos mais tarde terem o nome de team buildings), os almoços a dois ou os beberetes mais alargados, era um privilégio estar calado e ouvir o DD. Era consensual ouvir o máximo possível, pois era um privilégio poder aprender naquele nível.

E tudo isto depois de uma das minhas primeiras atividades na ACTD, que foi ter que recolher um conjunto de CV para apresentação de uma candidatura a um Ministério, que naquela altura não tendo nada a ver com a C&T, decidi dar voz a uma iniciativa de divulgação de C&T para os mais novos, de acordo com proposta do DD. Pois bem, dei início a esta recolha, e entre CVs individuais de 30 a 300 páginas, apareceu-me um de uma página, com meia página escrita. Passei um mau bocado naquela noite, pois não sabia como partilhar aquele contexto com o DD, que era o autor daquele CV de meia página. Pois bem, o que isto me serviu de ensinamento para o resto da minha vida.

Mas isto era normal. Partilho mais uma situação que tive o privilégio de viver, neste caso uma inconfidência. Desloquei-me ao Palácio de Belém, para uma reunião que íamos ter os dois com um dos nossos Presidentes da República, isto, obviamente, no âmbito da angariação de apoios à Divulgação da C&T. Pois bem, já lá dentro, o Senhor Presidente em passo apressado num canto oposto de uma larga sala, pára subitamente o seu passo apressado e, em voz alta, diz: Senhor Professor, as minhas desculpas por este atraso, mas dê-me mais 10 minutos e eu venho já ter consigo. E o amigo DD, com o maior respeito, tratou o Senhor Presidente pelo nome próprio, e usando um diminutivo. Pois bem, o Senhor Presidente riu-se com uma enorme satisfação, pediu aos assessores que o acompanhavam para seguirem em frente, e cruzando a sala, o Senhor Presidente decidiu antecipar os 10 minutos e veio ter connosco. Foi um passeio na varanda, enquanto o Senhor Professor explicava ao que tínhamos vindo. Foram 5 minutos de conversa incríveis, com uma enorme amizade e respeito entre o Senhor Professor e o Senhor Presidente.

Mas depois este SENHOR Professor tinha um CV apenas de meia página.

Já fora do tempo das SCT, pois ainda não tinha nascido, um filho de um Pai preocupado mesmo apesar da média do seu filho se posicionar acima dos 19 valores, depois de vários testes psicotécnicos entre outras iniciativas inconclusivas, o adolescente não sabia o que fazer na continuidade da sua vida académica. Pois bem, um almoço a três, com duração de três horas, e um passeio a dois pelo IST durante duas horas, o adolescente já não tinha dúvidas o que iria fazer nos próximos cinco anos em termos académicos. Hoje, este ex adolescente, perguntou-me há menos de um mês num ambiente emocional de tristeza, qual a razão deste Professor não ter estado à frente dos destinos deste País.

Um Grande Abraço de Enorme Amizade por parte de um Grupo de várias centenas de pessoas que tiveram o prazer de fazer parte das SCT.

*Pedro Figueiral*  
*Direção da ACTD e SCT*

### **Testemunho de Maria da Conceição Ruivo**

#### **Jorge Dias de Deus - um grande mestre e um bom amigo**

A obra de Jorge Dias de Deus (JDD) é sobejamente conhecida e não faltará quem possa falar dela com maior conhecimento do que eu. Falarei, por conseguinte, apenas de memórias pessoais.

Conheci JDD em 1977, durante um Encontro de Física Teórica realizado em Coimbra. O evento reuniu físicos teóricos de Lisboa e de Coimbra, o que, para as jovens assistentes, foi uma excelen-

te oportunidade de conhecermos professores e colegas que trabalhavam na área. Poucas memórias tenho desse encontro, a não ser a de algum nervosismo antes da apresentação da minha comunicação e do alívio que veio a seguir. Era a primeira vez que apresentava um trabalho num encontro científico, em inglês e para uma plateia exigente. Mas julgo que foi a partir daí que começou a haver um maior intercâmbio entre os físicos teóricos de Coimbra e de Lisboa e que alguns professores de Lisboa passaram a vir com regularidade a Coimbra dar seminários ou pequenos cursos. Foi assim que comecei a conhecer melhor JDD, a clareza, a vivacidade e a informalidade das suas exposições tão cativantes. Lembro-me, em particular, de uma série de lições sobre Física Estatística e de outra sobre Física de Partículas, esta última despertou-me vivo interesse e talvez fosse o primeiro apelo para uma área que, cerca de uma década depois, passaria a ser o objecto da minha investigação. As conversas informais depois das lições, o convívio num ou outro jantar permitiam-nos conhecer outras dimensões do Jorge, o seu sentido de humor, aquela gargalhada inesquecível, o seu trato amigável e a sua vasta cultura.

Antes de vir a ser publicado no livro *Ciência, Curiosidade e Maldição*, já circulava no Departamento uma versão da “Ceia dos Catedráticos”, essa sátira incisiva e hilariante a velhos hábitos de investigação, que, apesar dos ventos de mudança, ainda continuavam renitentes na sua obsolescência. O livro, bem como os que se seguiram, vieram tornar-me mais clara a percepção de que no ambiente universitário das ciências tinha surgido alguém diferente, que abria novos caminhos não apenas na investigação, mas também no ensino, na divulgação e na ligação com a sociedade.

Em diversas ocasiões os nossos caminhos se cruzaram, mas foi principalmente na sua última década no IST que eu e o Jorge mais interagimos. Juntou-nos o interesse comum pela história e pela epistemologia da ciência, chegámos a delinear um projecto de trabalho e ainda acompanhei de perto a escrita do livro *Da Crítica da Ciência à Negação da Ciência*, cujo manuscrito o Jorge me deu a ler. Contudo, devido a solicitações de tarefas mais urgentes, o nosso projecto foi ficando na gaveta e acabou por nunca de lá sair. Mas não se perdeu o essencial, esse frutífero intercâmbio que me permitiu conhecer melhor a abertura de espírito, a cultura e a simplicidade que é apanágio dos grandes.

Quem se deu de maneira tão universal criou uma onda no espaço-tempo que continuará a transportar energia mesmo quando já não se souber bem qual a sua fonte.

*Maria da Conceição Ruivo*

### **Testemunho de Dulce Conceição**

Conheci o professor Dias de Deus em 1990 e desde aí para além de “chefe” passou a ser um amigo. As memórias de tudo o que passámos são muitas. Trabalhámos juntos durante 20 anos e sinto-me privilegiada por ter privado com ele, e família, durante todos estes anos.”

*Dulce Conceição*

## **Testemunho de Ana Dias e de João Fonseca**

### **Jorge Dias de Deus – A vida depois da morte**

Acho que existe vida depois da morte, sem dúvida! O meu raciocínio racional e científico, que me levou a fazer o curso de Engenharia Física no Técnico, faz-me questionar a ideia de existirem pessoas a viverem no além, ou mesmo almas a pairarem pelo universo... não nego, mas tenho alguma dificuldade em acreditar nessas construções. No entanto, acredito que cada pessoa tem uma “vida depois de morrer” que resulta da marca indelével que deixa durante o tempo em que vive neste mundo, a vida que continua nas obras que edificou, nos filhos que criou, no impacto que teve em todas as pessoas com quem interagiu.

O Professor Jorge Dias de Deus com a sua inteligência, empatia e bom senso, marcou indelevelmente as instituições por onde passou e as pessoas que tiveram o privilégio de com ele interagir. A forma holística como interpretava a ciência, a sociedade e as pessoas, permitia-lhe ter uma visão estratégica e uma capacidade de concretização extraordinárias, que fez com que, por exemplo, estivesse na génese dos cursos do Técnico que atualmente mais atraem os melhores alunos, tivesse um papel fundamental no fomento da cultura científica em Portugal, contribuísse para entusiasmar e desenvolver as pessoas com quem se foi cruzando.

Para além do enorme impacto que teve na evolução da divulgação científica em Portugal e da Física no Instituto Superior Técnico, há uma dimensão humana extraordinária que marcou os alunos que, como eu, se cruzaram com ele. Uma daquelas pessoas que nos marcam profundamente pela inspiração do exemplo, por ser uma pessoa inteligente, interessante, empática, humilde e genuína, muito próxima dos alunos, alguém que sabíamos que podíamos sempre contar. Apesar de não ter sido meu professor em nenhuma cadeira, era uma presença constante e próxima, como se fosse naturalmente parte do grupo que formamos ao longo dos anos do curso, entre alunos e alguns professores. Dias de Deus era o professor que nos enquadrava no curso, que nos mostrava a ligação entre as várias matérias e o enquadramento em algo maior, ouvi-lo clarificava e entusiasmava e, apesar de ser uma sumidade, mantinha uma tal postura de proximidade com os alunos, que nos permitia levantar e discutir questões sem aquele medo de parecer mal não sabermos alguma coisa ou discordarmos.

Também era o Professor que nos acompanhava em todas as celebrações e jantares, onde proporcionava bons momentos de conversa, sobre todos os temas, desde o ensino à economia, política ou relações humanas. Alguém com quem tínhamos boas discussões bebendo da muita experiência e capacidade de intervenção e de ação. Era também alguém que funcionava como nosso mentor, porque sabíamos que podíamos sempre ir trocar ideias e opiniões sobre as nossas opções no curso, as lutas associativas ou mesmo na vida profissional que se seguia. Na verdade, e falando da minha experiência pessoal, a minha vida profissional começou exatamente a partir

de uma referência que o Professor Dias de Deus deu ao Professor Luís Tadeu, que na altura era o coordenador da Licenciatura de Engenharia de Gestão Industrial, defendendo que os alunos de Física eram uma boa aposta para a empresa de consultoria dele.

Quando pensamos nas pessoas que verdadeiramente nos marcaram e fizeram parte do nosso crescimento como pessoas, lembramo-nos de alguém como o Professor Dias de Deus, não por algo muito específico, mas pelo exemplo de pessoa que era, pelo brilhantismo intelectual, pela forma como se empenhava nas causas, pela empatia e empenho no desenvolvimento das pessoas. Estas marcas ficam para sempre e deixam-nos a ambição de também nós as conseguirmos passar aos que ao longo da vida se cruzam conosco, ficam também as memórias agradáveis de tantos momentos em que convivemos e fica uma enorme saudade...

*Ana Dias*

*Administradora RTP*

*João Fonseca*

*CTO Inflammatrix; Chairman Biosurfit*